

Diálogo do Uso do Solo - Centro de Endemismo Belém (CEB)

Resumo dos Co-Líderes

20 e 21 de agosto de 2019

Belém - PA

*Beto Mesquita, Bruno Coutinho, Ivone Namikawa, Marcelo Pereira, Mauro
Armelin e Tulio Dias.*

Introdução

O grande desafio na região do Centro de Endemismo Belém (CEB) é desenvolver maneiras de utilizar, sem destruir, o valioso capital natural, e inovar com atividades produtivas capazes de gerar oportunidades de trabalho e renda para a população local. Os cerca de 140 municípios do Pará e Maranhão que compõem essa região são caracterizados por baixos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) e altos Índices de Desigualdade (Gini). Ou seja, os desafios são imensos no que diz respeito à necessidade do desenvolvimento de atividades produtivas que aliem a proteção e a recuperação do capital natural às demandas socioeconômicas da população local.

O CEB é o mais desmatado e ameaçado entre todos os centros de endemismo da Amazônia brasileira. Esta realidade deve-se, sobretudo, ao fato desta região ter sido uma das primeiras a serem ocupadas pela antiga das frentes pioneiras (SILVA et al., 2005)¹.

¹ SILVA, JMC, RYLANDS, AB, FONSECA, GAB. 2005. O destino das áreas de endemismo da Amazônia. Megadiversidade 1(1): 2005.

Além de provocarem perda de biodiversidade, fatores como a exploração madeireira, o avanço da pecuária, a expansão da produção de grãos e o forte incentivo à monocultura resultaram em transformações profundas na paisagem, com severas implicações sobre as dinâmicas sócio produtivas da região. A estes vetores, some-se ainda a ação de especuladores, responsáveis por conflitos fundiários que resultam em altos índices de violência, expropriação e expulsão de grupos sociais, que passam a ocupar outras áreas de floresta ou ao longo de estradas.

Contudo, é também uma das mais ameaçadas. Cerca de 70% de suas florestas já foram desmatadas ou degradadas, e a pressão é crescente para substituição de vegetação nativa para cultivos agrícolas e pecuária extensiva de baixa produtividade (ALMEIDA, 2010²; FEARNSSIDE, 2005³; SILVA et al., 2005⁴).

O uso do solo é marcado pelas atividades de exploração madeireira, pecuária, agricultura e expansão de áreas urbanas. As atividades econômicas em expansão incluem setores industriais, agropecuária e extrativismo mineral (IBGE, 2002 apud Almeida et al. 2013)⁵. Atualmente, dentre as principais atividades econômicas na região está a plantação de dendê (ou palma de óleo).

Sobre o Diálogo do Uso do Solo

Pelo contexto apresentado acima, o CEB foi escolhido como estudo de caso para o primeiro Diálogo do Uso do Solo da Amazônia. Realizado em Belém nos dias 20 e 21 de agosto de 2019, contou com a participação de representantes de empresas, organizações da sociedade civil e instituições de ensino e pesquisa.

O Diálogo do Uso do Solo é uma plataforma de participação de múltiplas partes interessadas, com o propósito de reunir conhecimento e liderar processos que

² ALMEIDA, A.S.; VIEIRA, I.C.G. 2010. Centro de endemismo Belém: status da vegetação remanescente e desafios para a conservação da biodiversidade e restauração ecológica. *Revista de Estudos Universitários*, 36: 95-111.

³ FEARNSSIDE, P.M. 2005. Deforestation in Brazilian Amazonia. *Conservation Biology*, 19(3):680-688.

⁴ SILVA, JMC, RYLANDS, AB, FONSECA, GAB. 2005. O destino das áreas de endemismo da Amazônia. *Megadiversidade* 1(1): 2005.

⁵ ALMEIDA, A. S. et al. Cenários para a Amazônia: Área de Endemismo Belém. Museu Paraense Emílio Goeldi, 2013.

influenciam negócios responsáveis, melhorem a governança de territórios e promovam o desenvolvimento inclusivo em paisagens relevantes.

O Diálogo do Uso do Solo já contou com várias edições ao redor do mundo, como no Brasil, Gana, Uganda, República Democrática do Congo e Tanzânia. No Brasil, foi realizado em 2016 na região do Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina.

Na fase de Diálogo são três estágios da iniciativa como um todo:

- Diálogo de Escopo;
- Diálogos de campo e
- Workshop de Finalização.

Dentre os principais resultados esperados, estão:

- Construção de um ambiente de confiança entre as lideranças locais;
- Construção de engajamento;
- Envolvimento dos tomadores de decisão;
- Ambiente propício para criação e/ou fomento de plataformas lideradas por atores locais (fóruns, alianças, coalizões, etc.) e
- Impacto na política.

Objetivos

A primeira reunião do Diálogo de Uso do Solo no Centro de Endemismo Belém foi uma reunião de escopo, que teve como principais objetivos:

1. Definir áreas-chave de concordância e discordância (*fracture lines*) sobre o uso do solo no CEB e possíveis lacunas de informação;
2. Analisar se as partes interessadas relevantes estão presentes ou se está faltando alguém e
3. Determinar se existe um caminho baseado no diálogo para que as partes interessadas façam progressos significativos para alcançar uma visão comum sobre uso do solo no contexto do CEB.

Áreas-chave de concordância sobre o uso do solo no CEB

Dentre as perspectivas das partes interessadas, surgiram como elementos centrais a importância do:

- Componente de avaliação socioambiental nas concessões de crédito por instituições financeiras, como inserir elementos de uso do solo em mecanismos de financiamento, trazendo dimensões da produção familiar;
- Construir/conectar/identificar cadeias de valor presentes na região;
- Somar esforços às iniciativas de instituições de ensino e empresas, podendo culminar em publicações e produção científica que ajudem a entender e vencer os desafios que podem representar ameaças ou valorização do patrimônio biológico da área de endemismo;
- Necessidade de profissionais mais preparados para enfrentar os desafios;
- Considerar a heterogeneidade territorial dentro da Amazônia e que resultados consistentes são obtidos em longo prazo e com soluções baseadas nas diversas áreas do conhecimento;
- Enfrentar o desafio de envolver diversos setores, construindo desde o início uma visão em comum e que considerem outras iniciativas que já existentes;
- Trazer para a mesa do diálogo e garantir a participação efetiva de representantes de comunidades indígenas, quilombolas, de pequenos agricultores e agroextrativistas;
- Discutir os desafios e oportunidades para o desenvolvimento econômico de acordo com a ótica da sustentabilidade;
- Gerar estudos que subsidiem melhor compreensão sobre o valor da floresta;
- Fortalecer/criar políticas que valorizem a floresta e seus produtos, territórios protegidos e comunidades;
- Trabalhar com a propriedade no contexto da paisagem, considerando a relação oferta-demanda de produtos de maneira ampliada e

- Integrar diversos atores sociais na discussão de planejamento territorial integrado na paisagem.

Os 5 temas mais desafiadores foram classificados em termo de prioridade:

1. Déficit de informações e estudos que permitiriam o aperfeiçoamento do processo de proposição e qualificariam o debate;
2. Manejo florestal comunitário e familiar (tema que deve ser qualificado);
3. Redes de discussão;
4. Commodities x Produção familiar e
5. Atividades ilegais.

Já entre as principais oportunidades foram elencadas:

1. Agenda da recuperação/restauração florestal, que contempla tanto o cumprimento do Código Florestal (APP e RL) quanto oportunidades para desenvolvimento de cadeias produtivas relacionadas à recuperação da vegetação nativa e manejo florestal;
2. A implementação dos instrumentos previstos no Código Florestal, tais como validação do Cadastro Ambiental Rural, Cotas de Reserva Ambiental e pagamentos por serviços ambientais e
3. A oportunidade de estabelecer mecanismos de governança no território, construção de políticas públicas/privadas.

Uma das lacunas de informação citadas, para além das citadas na sessão de concordâncias é a necessidade de ampliar as informações sobre o mosaico Gurupi no contexto do CEB.

Partes interessadas

Considerando as questões-chaves e desafios a serem alcançados, foram listados os principais setores e órgãos públicos que devem ser engajadas nos processos de diálogo e discussão sobre o uso do solo no CEB. Entre elas:

- Pecuária;
- Agricultura incluindo os setores da soja e óleo de palma;
- Mineração;
- Empresas de cosméticos;
- Setor financeiro;
- Indústrias da região;
- Universidades e institutos de pesquisa;
- Organizações da sociedade civil ambientalistas e sociais;
- Setor florestal incluindo sua cadeia de valor;
- Comunidades tradicionais, associações, cooperativas e outros grupos que representam indígenas, quilombolas, ribeirinhos e agroextrativistas) e
- Poder público.

O processo de engajamento destes atores não se dará de maneira espontânea, pelo menos neste primeiro momento, é necessário que seja definida uma estratégia de mobilização e engajamento de novas organizações e grupos. Parte importante desta estratégia é construir e manter, por meio de estímulos positivos, o ambiente de confiança e respeito às diferenças.

8. Próximos passos

Foram deliberados como próximos passos:

- Elaboração de um documento das co-lideranças, contendo um resumo do encontro e as principais discussões e resultados obtidos até o momento, incluindo as questões-chave identificadas e as

diretrizes para um caminho baseado no diálogo, para que haja progressos significativos para alcançar uma visão comum sobre uso do solo no CEB;

- Mobilização das partes interessadas identificadas;
- Realização de um novo encontro, incluindo na pauta, entre outros tópicos, a discussão sobre a possível formação de um fórum florestal no CEB e
- Definir territórios para realização de diálogo de campo.

9. Reflexões sobre o encontro

Na fala que resumiu a visão das co-lideranças sobre o primeiro dia, foram ressaltadas a qualidade e profundidade das contribuições, bem como a diversidade de visões e opiniões. Também foi citada a necessidade de ampliar o grupo envolvido, seja para diversificar ainda mais as visões, seja para emprestar maior legitimidade às conclusões e proposições. Todos os ingredientes necessários para construções, soluções e caminhos foram considerados dados, e existe a possibilidade desta iniciativa funcionar como um catalisador de novos processos de articulação e cooperação entre iniciativas já existentes.

Foi citada a necessidade de discutir mais a questão de governança, incluindo as políticas não-estatais. Decisões e diretrizes corporativas podem influenciar práticas e decisões de uso do solo que favoreçam ou dificultem a implantação de paisagens sustentáveis. É consenso a necessidade de ampliar o engajamento do setor privado. Posicionamentos importantes têm vindo de líderes de empresas que atuam na região do CEB. Como exemplos, temos as recentes manifestações públicas de Marcello Britto (CEO da Agropalma), Mauro Lucio (agropecuário de Paragominas) e Walter Schalka (CEO da Suzano). No entanto, mais do que posicionamentos verbais, é necessário implementar ações concretas, materializando nas empresas, produtores e associações práticas que corroborem a visão propalada.

Ressaltada também a importância de fortalecer o que está acontecendo no local, com o Diálogo do Uso do Solo atuando como um ambiente propício e qualificado

para a construção de alternativas. Uma vez reconhecido o valor e o papel da iniciativa, será importante pensar em como subsidiar o processo, para que o trabalho seja de longo prazo.

Ao final, houve um consenso quanto à necessidade e viabilidade de uma iniciativa de Diálogo do Uso do Solo, como forma de endereçar os desafios da região. Foram registradas diversas oportunidades de colaboração, além de possíveis locais para os próximos encontros e parceiros que devem ser convidados.

Agenda da Reunião

20 de agosto de 2019, terça-feira

08:30 Registro e entrega de crachás

09:00 Boas-vindas, apresentações e visão geral da programação – co-chairs

09:45 A iniciativa internacional Diálogo do Uso do Solo – Liz Felker (The Forests Dialogue)

10:00 Diálogo de escopo no contexto do Diálogo do Uso do Solo e princípios de operação– Fernanda Rodrigues (Diálogo Florestal)

10:15 Perguntas e respostas

10:25 Centro de Endemismo Belém – Bruno Coutinho (Conservação Internacional)

11:00 Pausa para café

10:30 Discussão em plenária: uso do solo no CEB e as perspectivas das partes interessadas:

- Setor privado
- Educação e Pesquisa
- Comunidades
- Organizações da Sociedade Civil
- Governo

12:10 Trabalho em Grupos: Quais são as questões-chave/desafios e oportunidades do uso do solo no CEB na perspectiva das partes interessadas

13:00 Almoço

14:00 Devolutiva dos grupos e discussões

15:00 Priorização dos desafios

15:30 Pausa para café

16:00 Existem lacunas de informação para enfrentar os desafios e oportunidades prioritárias identificadas?

17:00 Encerramento do dia.

19:00 Saída para confraternização: jantar no restaurante Remanso do Bosque.

21 de agosto de 2019, quarta-feira

9:00 Reflexão das discussões do Dia 1 (co-chairs)

9:30 Discussão em Grupos (questão a serem decididas durante a Discussão Plenária, podendo incluir):

1. Que potencial existe para esforços comuns entre as partes interessadas para abordar essas questões-chave (*fracture lines*)?
2. Quais incentivos institucionais e técnicos são necessários para promover o uso sustentável do solo?
3. Como melhor engajar partes interessadas relevantes do pensar do uso do solo no CEB?
4. Como os investidores e empresas podem obter segurança suficiente para evitar riscos e gerar benefícios?

10:30 Pausa para café

11:00 Devolutiva das discussões em grupos

12:00 Próximos passos: existe um caminho de diálogo?

- Oportunidades de colaboração
- Possíveis locais e parceiros de diálogo de campo
- Sinergias com outros processos que abordam problemas semelhantes

13:00 Encerramento e almoço.

Agradecimentos

Realizada pelo Diálogo Florestal em parceria com a Conservação Internacional Brasil e The Forest Dialogue, a reunião teve como co-líderes Beto Mesquita (BVRio), Bruno Coutinho (Conservação Internacional Brasil), Ivone Namikawa (co-líder da Iniciativa Diálogo do Uso do Solo no The Forests Dialogue, Klabin S.A), Marcelo Pereira (Suzano S.A), Mauro Armelin (Amigos da Terra Amazônia

Brasileira) e Tulio Dias (Agropalma). Atuaram como facilitadoras Karoline Marques (Conservação Internacional Brasil) e Fernanda Rodrigues (Diálogo Florestal).

Lista de participantes

Alexandre Nagota - Biopalma

Bianca Silvestre - Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM)

Beto Mesquita - BVRio

Bruno Coutinho - Conservação Internacional Brasil

Daniel da Costa Francez - Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará (Ideflor-bio)

Diogo Bardal - International Finance Corporation (IFC)

Fernanda Rodrigues - Diálogo Florestal

Iaci Penteado- Conservação Internacional Brasil - base Belém

Ieda Fernandes - Associação Brasileira de Produtores de Óleo De Palma (ABRAPALMA)

Ivone Namikawa - Klabin e The Forests Dialogue (TFD)

Karoline Marques - Conservação Internacional Brasil

Leandro Brasil - Universidade Federal do Pará (UFPA)

Leandro Juem - Universidade Federal do Pará (UFPA)

Liz Felker - The Forests Dialogue (TFD)

Luis Barbosa - Conservação Internacional Brasil

Marcelo Pereira - Suzano S.A.

Marcos Silva - Observatório do Manejo Florestal Comunitário e Familiar

Marlucia Martins - Museu Paraense Emílio Goeldi

Mauro Armelin - Amigos da Terra Amazônia Brasileira

Milton Kanashiro - Embrapa Amazônia Oriental

Pedro Burnier - Amigos da Terra Amazônia Brasileira

Roberto Porro - Embrapa Amazônia Oriental

Thiara Fernandes - Instituto Peabirú